

# Índios choram seu líder no Congresso

"Tenho recebido ameaças de morte, mas não vou recuar. Vão fazer comigo o mesmo que fizeram com Che Guevara", previu Chicão.

**Oito mil Xukuru ocupam 2 mil hectares. As terras, dizem, não foram homologadas por pressão do Palácio do Planalto.**

O choro convulsivo de 45 índios Xukuru abalou ontem a Comissão de Direitos Humanos (CDH) da Câmara dos Deputados. Dezesesseis dias depois do assassinato de seu líder Francisco de Araújo - o cacique Chicão - os índios não suportaram vê-lo num vídeo exibido na audiência, gravado poucos dias antes de sua morte. No depoimento, o cacique Chicão alertava para a possibilidade de vir a ser assassinado, devido à sua luta pela homologação de 27 mil hectares demarcados, em 1995, em favor dos Xukuru, índios residentes no município de Pesqueira (PE).

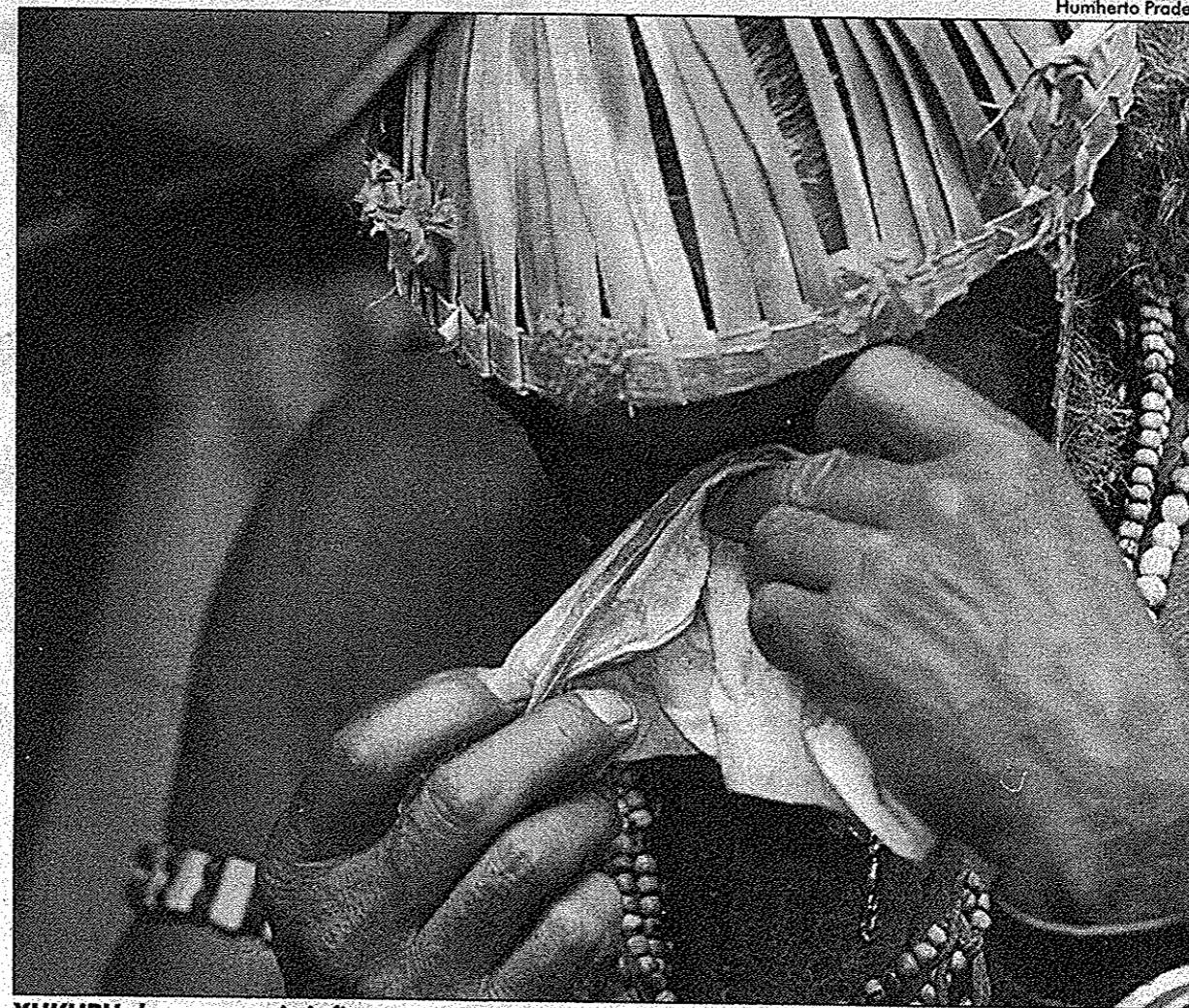
"A terra é nossa mãe e ela nos pertence. Temos direito originário sobre ela. Há 500 anos tentam destruir nosso povo. São 500 anos de luta e opressão. Na escola ensinam que fomos descobertos e não que nossas terras foram invadidas. Tenho recebido ameaças de morte, mas não vou recuar. Vão fazer comigo o mesmo que fizeram com Che Guevara e outras lideranças, mas espero que no momento de minha morte outros líderes mais jovens ocupem meu lugar", discursava o cacique, enquanto seus ex-comandados choravam.

Vestidos à caráter - colares,

cocares e tacós (tanga comprida) de palha - com os rostos pintados de vermelho e amarelo e um "jupago" (borduna) nas mãos, esses guerreiros, jovens e velhos, pediram justiça e suas terras de volta. Segundo a viúva de Chicão, Zenilda de Araújo, seus paramentos significavam "reivindicação".

Assassinado no dia 20 de maio, Chicão deixou 7 filhos, um dos quais, Marcos, usava seu cocar. "Sua morte foi pela posse da terra. Há 11 anos ele era ameaçado pelos fazendeiros e essa é a terceira morte que ocorre entre nós", disse Zenilda. Os outros dois crimes - o filho de um pagé Xukuru e o advogado Geraldo Rolim - segundo o secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Saulo Feitosa, aconteceram em circunstâncias idênticas.

Objeto de uma luta antiga, os 27 mil hectares chegaram a ser demarcados pelo Governo em 1995 mas, estranhamente, deixaram de ser homologados pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. Os índios acreditam que a pressão veio de dentro do próprio Palácio do Planalto, uma vez que parentes do vice-presidente Marco Maciel (PFL) são fazendeiros den-



**XUKURU chora ao assistir fita gravada com depoimento de Chicão quando previu seu assassinato**

tro da área contestada. Atualmente, 8 mil Xukurus ocupam 2 mil hectares, agrupados em 23 aldeias "cercadas de fazendeiros", segundo Zenilda.

A assessora jurídica do Cimi, Rosane Lacerda, disse que a área demarcada foi contestada pelos fazendeiros, que, no Superior Tribunal de Justiça conseguiram ganho de causa. Ela alertou para o fato de pesarem ameaças idênticas sobre outros índios, inclusive sobre o vereador Antônio Pereira, o

Toinho, de origem Xukuru. Presente à audiência, Toinho denunciou a impunidade que circunda esses assassinatos, como no caso do advogado morto pelo fazendeiro Teopompo Brito. A justiça libertou-o sob alegação de legítima defesa.

Falando sobre a morte de Chicão, um índio de meia idade, Francisco de Assis, acusou "aqueles que fazem as leis de serem os primeiros a desrespeitá-las". O caso, na CDH, foi entregue ao deputado Fernando

Ferro (PT-PE), que anunciou a realização de uma audiência em Pesqueira, no próximo dia 9. A Comissão enviou ao ministro da Justiça um pedido para que a Polícia Federal reassuma a investigação do caso. A PF afastou-se alegando que a morte do cacique ocorreu na cidade de Pesqueira e não dentro da área indígena, trabalhando ainda com a hipótese de crime passional.

**ZENAIDE AZEREDO**  
Repórter do Jornal de Brasília

Humberto Pradera